

A DINÂMICA DOS AFETOS, DA BUSCA DA LIBERDADE, DA FELICIDADE E DO PENSAMENTO ÉTICO EM BENEDICTUS DE SPINOZA

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA *

Benedictus de Spinoza nasceu em 24 de novembro de 1632 e faleceu em 21 de fevereiro de 1677, aos 45 anos de idade. Foi um filósofo de origem judaico-portuguesa, nascido nos Países Baixos,¹ ou Reino de Neerlândia, Localizados na Europa Ocidental. Seus pais, Miguel Spinoza e Ana Débora que, fugindo da inquisição portuguesa, buscaram refúgio na Sinagoga Portuguesa de Amsterdã. Sua formação como filósofo, foi completada na Universidade de Leiden e foi influenciada pelas ideias de René Descartes, Platão, Thomas Hobbes, Aristóteles, Francis Bacon, Immanuel Kant, Gottfried Leibniz, John Locke e Albert Einstein.

A filosofia de Spinoza tem como alicerce, a ação na medida cujo objetivo primordial é incentivar as pessoas a perderem o medo de desenvolverem atividades científicas, estimulando-as a criarem uma ciência intuitiva, pela qual cheguem a compreender as forças que as afetam, esforçando-se por persistirem na afirmação do seu ser, sempre em busca dos bons encontros e de paixões ardentes que aumentem suas potencialidades e sua capacidade de agir, proporcionando-lhes, assim “uma imagem da vida positiva e afirmativa” (Deleuze, 2002, p. 18).

A FELICIDADE, NA PERSPECTIVA DE BENEDICTUS DE SPINOZA

Para Spinoza, a felicidade é definida por um Deus que, em busca de satisfazer sua própria natureza por uma autoprodução de si mesmo, atua conforme as leis de uma causalidade eficiente imanente. Nessa

perspectiva, ele apresenta a felicidade como o usufruto de uma alegria eterna e estável por estar permanentemente aos olhos de Deus, que é a causa de todas as coisas.

A felicidade, segundo Spinoza, envolve os aspectos afetivo, cognitivo e ético. Ao vivenciar o afeto e experienciar seu conhecimento, cada ser finito, em decorrência de seu *conatus* (esforço), se afirmará como ser autônomo e com plena possibilidade de autoperseveração de sua existência.

A busca pela felicidade, nessa perspectiva, parte da experiência com a alegria e do aperfeiçoamento das emoções, que favorecem o crescimento do potencial humano, aumentando a perfeição do pensar e do agir, tornando o homem forte, ativo e capaz de compreender eficientemente, a si próprio e aos seus afetos, dispensando grande atenção e cuidado à vida e a tudo o que possa contribuir com a sua expansão. Entende-se, portanto, que a felicidade delineada por Spinoza é uma atividade vital geradora da alegria e do conhecimento intuitivo a respeito da eternidade e da união com o ‘seu Deus’, cuja mente é representada pelas próprias leis da natureza que, segundo Einstein (1973), “se manifesta na harmonia de tudo o que existe e não, num Deus que se preocupa com o destino e as ações dos homens.”

A ÉTICA SEGUNDO SPINOZA

Apresenta-se, neste item, o pensamento de Spinoza sobre a ética e sobre a influência do pensamento à forma de viver, tentando provar a natureza racional de Deus, que representa o próprio Universo. Para Spinoza, quanto maior o *conatus*, que representa o esforço do ser humano em busca de seu crescimento e de sua conservação, mais o assemelha a Deus, por aumentar sua compreensão sobre sua condição e lugar no mundo.

* Concluinte do Curso de Mestrado em Filosofia, pela Universidade Estadual do Ceará - UECE.

1 O país é uma monarquia constitucional parlamentar democrática banhada pelo mar do Norte a norte e a oeste, que faz fronteira com a Bélgica a sul e com a Alemanha a leste. A capital é Amsterdã e a sede do governo localiza-se na cidade de Haia.

A ética, descrita por Spinoza, está organizada seguindo um método axiomático-dedutivo, inspirado na geometria euclidiana, visando chegar a resultados claros, embora à custa de uma leitura não acessível a muitas pessoas. A ética apresentada por Spinoza é uma das produções filosóficas mais significativas sendo, entretanto, por ser descrita em latim e de forma associada à geometria, tornou-se de muito difícil compreensão em relação aos axiomas, definições, demonstrações, corolários, proposições e escólios utilizados na sua explicitação. É, portanto, um aspecto da filosofia descrita em uma linguagem da matemática que dificulta a compreensão da maioria das pessoas interessadas nesse conhecimento.

A moral, como prescrição de conduta, define as regras de comportamento a partir da razão, orientando formas de viver adequadamente, pela regulamentação dos costumes. Filosoficamente, a moral foi defendida pelo argumento da existência de valores transcendentais e da possibilidade do controle da razão em relação aos desejos. De outro modo, porém, Spinoza fala de uma perspectiva moral imanente, distanciada da moral normativa de forma a assegurar a ética como ciência dos afetos.

Spinoza propôs uma nova maneira de abordar os afetos, definindo uma ética dos afetos para substituir a moral normativa. As paixões e os afetos sempre foram vistos como vícios e fracassos que devem ser corrigidos por meio da razão, que controla os sentimentos, os impulsos e os prazeres. René Descartes propôs uma separação entre mente e corpo, ao definir uma filosofia dualista, segundo a qual a mente racional tem poder absoluto sobre as ações do corpo, dominando os afetos e as paixões. O corpo, na filosofia antiga, moderna e até mesmo no Cristianismo, foi considerado como incentivador de erros, irracionalismo e pecado, precisando, por isso, ser continuamente controlado pela razão. Opondo-se a essa tradição, Spinoza mostrou que os afetos não são procedimentos irracionais, mas libertadores das potencialidades afetivas, principalmente, da alegria e da felicidade que não dependem do uso correto e consciente da razão.

As concepções de Spinoza sobre o bem e o mal são relativas, por vincular o bem

ao conceito de utilidade, àquilo que não é prejudicial ao homem considerando que, o que é útil para um, pode não ser para outros. O mau, por sua vez é tudo o que vai contra a sua natureza, acarretando-lhe prejuízo, por não ser útil à sua conservação. A ética é um guia para os homens livres, segundo o qual a salvação transcendente neste mundo, decorre de um novo modo de existir e se relacionar, pela qual pode-se conquistar a liberdade.

O ser humano vive em constante busca e defesa de sua liberdade e, conseqüentemente, de uma vida feliz, recorrendo a ideias claras e distintas, voltadas à essência divina. Essas ideias, que advêm de Deus, são completamente contrárias às ações confusas do tempo em que vivem, e se assemelham às verdades matemáticas.

Nesse sentido, o homem procura constantemente, aprimorar seus conhecimentos sobre a razão voltada ao eterno, na tentativa de aprimorar suas emoções e paixões, para que não o conduzam a adotar comportamentos efêmeros e temporais. O caminho para se alcançar a felicidade é, portanto, o aperfeiçoamento das emoções e o controle das paixões, que acarretará o crescimento do *conatus*. Uma pessoa livre das paixões escravizadoras, alcançará sua independência e adotará uma postura serena, ante as adversidades com as quais se depararem, no meio em que vivem.

A ESSÊNCIA HUMANA

Sobre a essência humana Spinoza (1973, p. 149) afirma que ela não está em sua substância, pois esta não define sua forma, mas assegura sua existência necessária como essência que, necessariamente existe, visto que sua essência é constituída pelos mesmos atributos de Deus sem o qual nada pode existir ou ser concebido.

Para Spinoza, o *conatus* é uma força que ajuda o ser a se tornar independente e livre por ser um atributo de Deus que expressa todo o poder de um Deus criador, e mostra que nada existe que possa negar sua existência e seu poder (Spinoza, 1973, p. 189).

Assim, quanto maior for o esforço de um homem (*conatus*) para se libertar das paixões e melhorar suas emoções, mais independente ele será, 'em si mesmo' e mais se parecerão com Deus. Spinoza (1973, p.143), entende

que a essência humana é constituída, em sua essência, por tudo o que lhe é dado, para que possa existir, e sem o qual não poderá existir e ser concebida.

Scruton (2000) entende que, todo esforço do corpo é também um esforço da mente, e tudo o que a mente cria, traz significativos benefícios, ou danos, ao corpo, impulsionados pela vontade, do desejo.

Spinoza (1973, p.190) explicita que não existe nenhuma diferença entre o apetite e o desejo, uma vez que se este for aplicado a homens conscientes de seu apetite, pode-se dizer que o desejo é a consciência do apetite que se tem. Dessa forma, não nos esforçamos por conquistar coisas que se deseja e que nos apetece por considerá-la boa, mas, porque as coisas boas nos apetece e despertam o nosso desejo. Ele afirma, ainda que, de todos os seres vivos, os seres humanos, dotados de consciência e autocompreensão, são os que mais se assemelham a Deus, semelhança que é cada vez maior, quanto maior for o seu *conatus*, porque todo o esforço em busca da autoconservação os leva a compreenderem, de maneira cada vez mais profunda, a sua condição e o seu lugar no universo.

O QUE É A LIBERDADE PARA SPINOZA

O desejo de liberdade é inerente à natureza humana, que se reflete no mais profundo contentamento 'consigo mesmo'. Por sua semelhança com Deus, os homens tornam-se deuses na terra, por aprenderem a lidar afetivamente com seus semelhantes, o que lhes traz, cada vez mais, contentamento e satisfação consigo mesmos, com a natureza e, com Deus. Por serem dotados de grandes poderes sobre a natureza, eles podem usufruir muitos afetos e transformar, constantemente suas formas de agir. Os homens são livres, por natureza e, por sua sabedoria, sentem-se livres e felizes com sua própria existência, e por entenderem que, juntamente com Deus, constituem um ser único Deus.

Entretanto, Spinoza (1973, p.166) afirma que os homens se iludem ao se sentirem livres, por terem consciência de suas ações, mas desconhecem suas causas determinantes. Nessa perspectiva eles se sentem livres porque não conhecem o motivo de suas ações que decorrem da vontade, da qual falam sem

conhecimentos profundos, ignorando a que é ela que causa os movimentos de seu corpo.

Para alcançar a liberdade é preciso que se reflita fortemente sobre a condição humana, partindo do princípio de que todas as ideias vêm de Deus e que a mente é criada por Ele, daí porque fazemos parte do intelecto divino. Assim, quanto mais o homem se apropriar de boas ideias, mais próximo estará deste Ser Supremo e Criador que é Deus. Nesse sentido, Spinoza (1973, p.300) explica tudo o que o homem concebe como atual, por dois vieses: que elas existem em relação ao tempo e ao espaço, ou que são concebidas vindas de Deus como uma necessidade da natureza divina.

As ideias coerentes emanam de Deus e são livres das perturbações visualizadas no tempo. Spinoza (1973, p. 174) entende que a alma humana compreende a essência eterna e infinita de Deus, enquanto a concepção sobre o mundo só pode ocorrer quando se compreende plenamente a eternidade e o modo como Deus o vê (*sub specie aeternitatis*), ao qual Ele se assemelha e, dessa forma, o homem deve percebê-lo, recorrendo à visão de Deus.

Por meio de conhecimentos pertinente e sensato, o homem se aproxima, cada vez mais, da substância divina, entendendo também sua própria natureza no contexto do tempo. Ao ajustar sua vivência, ao "*sub specie aeternitatis*," o homem se liberta dos males que encontra no tempo e no espaço, desvendando, dessa forma, o mistério da eternidade.

A BUSCA PELA FELICIDADE

Sobre a busca da felicidade, Spinoza propõe tratar as paixões e as emoções valendo-se do rigor geométrico que utilizou ao escrever a sua teoria. Para ele, sentimentos como ódio, cólera, inveja e outros, consideradas em si mesmos, necessitam de uma força da natureza que com causas determinadas que precisam ser conhecidas para gerar prazer.

Spinoza (1973, p. 184) define uma causa adequada como aquela cujo efeito pode ser sentido claramente e compreendido, e, ao contrário, uma causa inadequada gera efeitos que não podem ser conhecidos. Para ele, um ser é ativo quando age e produz algo, dentro e fora de si, do qual ele é a causa adequada. A emoção, por sua vez, gera modificações no corpo, cuja potência é aumentada ou diminuída,

favorecendo ou entervando, as ideias que devem decorrer de tais modificações.

Para Spinoza, sentir uma emoção não envolvia uma relação entre corpo e mente conduzida por meio de “espíritos animais” até a dita “glândula pineal”, mas era simplesmente uma condição corporal, e ao mesmo tempo, a ideia dessa condição. Poderíamos dizer que é aquilo que ocorre dentro de nós quando nosso *conatus* aumenta ou diminui. A partir dessas considerações, ele postula sua doutrina moral, considerando que, uma mente é ativa por possuir ideias adequadas sendo, portanto, passiva se abriga ideias inadequadas. Para ele, existem coisas ante as quais a mente permanece ativa, enquanto outras a conduzem à passividade (SPINOZA, 1973, p.184). Para ele, existe, portanto, uma distinção no grau do ‘fazer uma coisa’ e ‘sofrer a ação’ decorrente dela. Entretanto, sendo Deus a causa primeira de todas as coisas, somente Ele age sem sofrer os efeitos decorrentes desta ação.

Spinoza afirma que o homem se assemelha, cada vez mais, a Deus quando se apropria de ideias coerentes, por meio do conhecimento, substituindo suas percepções inadequadas por ideias adequadas. Um efeito físico é entendido como uma ação, quando sua causa física advém de uma ideia adequada que representa a potência. Para ele, a pessoa que utiliza adequadamente sua razão, aumenta sua potência, podendo, assim, transformar a paixão em ação, tornando-se livre. Essa liberdade, como sinônimo de felicidade, é o caminho a ser seguido para aperfeiçoar as emoções resultantes do aumento ou diminuição da potência que é a própria perfeição. A alegria é uma paixão que nos impulsiona a crescer em perfeição, enquanto a tristeza é a paixão que inferioriza e entristece.

Entende-se que a diminuição de potência física, por qualquer intercorrência que afete a saúde, implicará, necessariamente em uma diminuição de potência da mente que Spinoza considera uma escravidão. Scruton (2000) considera a corrupção emocional como equivalente à corrupção intelectual, visto que, quando uma pessoa se envolve com paixões inadequadas, passará a ter uma compreensão distorcida do mundo. Para Spinoza para livrar-se dessas paixões que minimizam a potência, é fazer crescer, significativamente, a potência de

pensar. O que Spinoza propõe não é um mundo ascético, ou incentivador da pessoa para que se submeta à solidão dos mosteiros, para manter a intimidade com Deus, mas a proclamação da vitória da mente sobre o corpo, considerando a identidade da mente e do corpo, pois suas saúdes são interdependentes, daí porque é significativamente importante que se aumente sempre a potência, não só do corpo, mas também da mente. Vê-se, portanto que ao melhorar a mente, o corpo também apresentará grandes melhorias, confirmando que, tudo o que está na mente, traz benefícios, ou prejuízos ao corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, descreveram-se os conceitos apresentados por Spinoza sobre busca da felicidade que se concretiza através do conhecimento das causas determinantes da existência dos seres humanos e de sua vivência por um modo livre de vida. O trabalho de Spinoza mostrou como é construída a concepção a respeito “do que é ser livre” e até que ponto o ser humano pode alcançar a liberdade, seguindo os parâmetros de seu sistema filosófico.

Por meio de um estudo grupal e de uma análise panorâmica sobre a Ética, a pesquisa de Spinoza mostrou que Deus é uma substância única e infinita, uma realidade intrínseca e não determinada cuja existência é absolutamente livre e, ao se autoproduzir, também criou todas as coisas existentes. Concluiu, também, que o ser humano é um modo finito de Deus, sendo dotado de corpo e de mente que se relacionam paralelamente.

Spinoza mostrou que, ao vivenciar a realidade e a natureza, o homem é submetido às suas leis, podendo transformá-la e por ela ser transformado. Para ele, os afetos, produzidos pelas forças exteriores, podem mudar, positiva, ou negativamente, o *conatus*, que é o esforço contínuo de perseverar na própria existência.

Ao ignorar o que aumenta ou diminui o *conatus*, o ser humano torna-se escravo de ‘si mesmo,’ e, por isso precisa superá-la, compreendendo e avaliando os afetos vivenciados em bons encontros, capazes de aumentar sua luta pela preservação de sua existência.

A obra de Spinoza mostra, portanto, que somente Deus é absolutamente livre e que o ser humano, criado por essa realidade divina e por tudo o que nela existente, poderá alcançar sua

liberdade absoluta, transitando pelos diferentes graus dessa liberdade, devendo, para isso, compreender a forma como é definido tudo o que o cerca.



REFERÊNCIAS

DESCARTES, R. **Obra escolhida**. Tradução de Bento Prado Júnior. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

ESPINOSA, B. Pensamentos Metafísicos. **Tratado da Correção do Intelecto: Ética**. Tratado Político. Correspondências. Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

HIRSCHBERGER, J. **História da Filosofia Moderna**. Tradução de Alexandre Correio. São Paulo: Herder, 1960.

SCRUTON, R. **Espinosa**. Tradução: Angélica Elisabeth Konke. São Paulo: UNESP, 2000.

